

LUANA MENDES (ORG.)
SHARRAWY
JÚPITER
SARA VAN-DUNÉM
HERNANI BOAVIDA
HUGO MARQUES

NATAL

em Monólogos

MICROCONTOS



Titulo: Natal em Monólogos – Microcontos

Autores: Monólogos Team

Capa: H. Kitanaa

Revisão: Luana Mendes e Martinho Santos

ISBN: 920-142-164-1120

Todos direitos reservados a Monólogos Team

INTRODUÇÃO OU SEI LÁ O QUE ISSO SEJA SOBRE O NATAL

Luana Mendes

QUANDO NÃO SOBRA NINGUÉM para fazer a introdução do livro tem sempre a Luana.

Confesso que esttoui ficando aborrecida de prefaciuar as obras do grupo. Brincadeira! Só peço que dessa vez não pulem a minha parte, me esforcei para fazer isso. Então lá vai:

No limiar do Natal, deparamo-nos com uma efeméride que transcende a esfera temporal e mergulha nas profundezas do simbólico e do existencial. Em meio às festividades e celebrações, é

possível vislumbrar reflexões filosóficas que remetem não apenas à tradição religiosa, mas também à natureza humana e à essência da condição humana.

Sob uma perspectiva existencialista, ecoam as palavras de Jean-Paul Sartre, que nos convida a confrontar a liberdade inerente à nossa existência. O Natal, nesse contexto, delinea-se como um momento em que somos chamados a reflectir sobre as escolhas que moldam nossa trajectória, e, ao mesmo tempo, a reconhecer a responsabilidade que carregamos por nossas acções.

A busca por significado, tema central na filosofia de Viktor Frankl, também encontra eco no espírito natalino. Na troca de presentes e gestos de generosidade, percebemos uma tentativa humana de transcender o efémero e encontrar propósito na conexão com o outro. O Natal, assim, assume a dimensão de um convite para buscar significado nas relações interpessoais e no compartilhamento de experiências.

Em uma abordagem mais teológica, remontamo-nos a Santo Agostinho, cujas reflexões sobre o amor divino se entrelaçam com a narrativa natalina. O nascimento do Cristo, segundo essa perspectiva, representa a manifestação suprema do amor divino, uma redenção que convida os seres humanos a se voltarem para o bem e a transcendência.

Na esteira dessas ponderações, Immanuel Kant também é evocado, instigando-nos a reflectir sobre a moralidade inerente aos actos de bondade e generosidade típicos da época natalina. O imperativo categórico ressoa na ideia de agir de maneira que a humanidade, tanto na pessoa do doador quanto do receptor, seja tratada sempre como um fim em si mesma.

Em síntese, o significado do Natal emerge como um intrincado tecido de dimensões filosóficas, existenciais e teológicas. É um convite à reflexão sobre nossa liberdade, responsabilidade, busca por significado, amor e moralidade. No intercâmbio entre as vozes dos filósofos, encontramos um terreno fértil para contemplar as profundezas dessa

efeméride que, para além das festividades, ressoa como um eco eterno nas anais da reflexão humana.

Para quem chegou aqui, parabéns! Você faz arte dos dois por cento de pessoas que ainda lêem introduções. Desejo uma boa continuação para ti!

UM NATAL NA SELVA DE LAMA

Sharrawy

AS GARRAFAS PLÁSTICAS SE MISTURAVAM AO PAPEL de caderno cortados igualmente em tiras finas e colocados sobre vários estendais colocados propositadamente nas ruelas por conta d ocasião. Tio Gegé andava de bom humor com os miúdos do bairro desde que lhe apanharam o salafrário que tentou cassumbular a sua botija, geralmente era de maus humores, eu contem os meninos que perderam várias bolas de futebol no quintal dele, que quando lá entrasse voltava furada um grande rasgão de facas feito pelo sexagenário e aposentado Tio Gegé. Então foi surpresa para todos quando for ele quem comprou as luzes que os miúdos colocaram

no estendal e pelo menos naquela noite de véspera de natal, as velas do Bairro Dom Bosco estariam acesas.

Se durante aqueles dias já se invejam as pessoas pelas compras que entram nas casas dos vizinhos, frutos das economias que faziam o longo para receber outro ano de economizar e comprar no final para receber o ano posterior nesse ciclo infinito nessa busca de pequenos momentos de felicidade, como o tirar os sacos bolhas e esferovites envolto ao televisor SHARP 14, que agora enfeitaria a sala e daria um pouco de vida a perdida raquete encostada como pode num dos cantos d minúscula sala, em suas gavetas se guardavam coisas mais aleatórias como pilhas velhas do rádio do avó Mateus, ou pentes cheios de cabelos das clientes da Fatita que viam de todos os pontos para que a melhor trançadeira do bairro lhes birrasse umas tranças bonitas, uns bobis com punhos para meninas pequenas se exibirem na escola, umas viradas para as mães colocarem as tissagens por cima, uns carrapitos para alongar os cabelos, ou umas tranças

de posição Maria e Sangita, preferido das clientes para se exibirem entre escolas e o namoradinhos; estranho era que a tal Fatita que lhe trançava nem usava tais coisas, final n igreja não permitiam, num dito livro da bíblia segundo o que o Pastor Cardoso lhes terá dito, era pecado tal prática, e se a bíblia manda os homens têm que cumprir.

O enjoado do Ruca, o mais novo da casa, com o natal ganhava lá os brinquedos que ele considerava uma recompensa por ter aprovado para a segunda classe. Olhava ainda para as roupas ganhas para o natal e para o novo ano lectivo com júbilo, afinal que criança não gostava do *homem-aranha* estampado em tudo o que se comprou: mochila, cadernos, lancheiras, camisolas, calções e ténis. Esses ténis que para ele virariam motivo de galanteio sem duvida entre os amigos, na manhã seguinte, a manhã de natal depois da igreja, trajados de roupas novas, acesas que nem um *boulevard* nocturno no centro de Paris, os meninos passariam de casa em casa desejando um feliz natal, na esperança de que preenchidos do espírito natalício as pessoas lhes retribuíssem tais

carinhosas palavras com bolos e doces, e se a meio da tarde conseguissem ficar repletos das mais aleatórias coisas, era sinal de que tinham feito um bom trabalho. Ruca sabia que aqueles ténis que tinham luzinhas vermelhas e verdes que se acediam quando ele os batia no chão, ao certo dariam um certo jeito na empreitada que o esperava na manhã seguinte.

Para o avô Mateus era tudo igual, também rabugento como era tinha sempre uma resposta pra tudo. Como no tempo colonial andava encostado aos tugas, por vezes dizia as coisas complicadas que ninguém entendia, como no verão passado a sua filha Isabel terá se zangado com o seu genro César por esse se ter esquecido de comprar o bacalhau, e que a Fatita teve que fazer o cozido com peixe seco. Cansado com toda a gritaria, o avó Mateus entrou com o seu discurso de que “não entendo o motivo de tanta algazarra por conta da celebração de um feriado que consagra as sementes do colonialismo na mente negra, ora tal festa serve apenas para alimentar os motores de mídia, a venderem seus

produtos enquanto colocam um brilho nas propagandas, ora e nós povo de mente fraca discutimos por um bacalhau sobrevalorizado pescado do outro lado do planeta, sabe-se a sei lá quanto tempo e discutimos pois preferíamos o peixe rico em formol, ao bom carapau pescado nas praias locais que só foi seco pela falta de forma de conservação.”

Mas eram falácias que ninguém entendia. No final do dia eles se sentariam por baixo das pernas das duas mesas de plásticos juntas, comendo o cozido de peixe seco, rindo alto, gritando com o enjoado do Ruca que comia “com os olhos” enquanto a noite de véspera de natal se adentrava cada vez mais, no Bairro Dom Bosco que elo menos naquele dia cheirava mais a bolos saindo do forno do que lama e águas paradas.

VAZIO... NATAL E ELRIK

Júpiter

DESDE OS POSTES ILUMINADOS PELA LUZES e cores ou o brilho suave da manhã que se perdia entre as guirlandas cintilantes. Misturou-se ao brilho suave do dia caindo e a noite tomando conta e abraçando as ruas.

Eirik escondido atrás do grosso casaco atirando os passos como os seus pés conseguiam lançar traçando uma trilha no meio da neve, se para ele por fora tudo era frio por dentro os ventos da apetência e os desamores, versejam aos sons dos ventos sussurrantes do nada e contrastavam com as luzes

intermitentes e de velas eléctricas das janelas das casas adornadas, criando um espectáculo caleidoscópico. Os tetos de algumas casas se tornam num mural de desfile de renas e pai natais artificiais que pendiam e se acendiam delicadamente conferindo a coisa o ar cinematográfico representado incansavelmente pelos mídias hollywoodianos.

“Let it Snow” tocado desafinado numas pequenas colunas acopladas as luzes de natal atiradas se qualquer jeito que conseguiu ficar numa árvore no passeio que separava os dois lados da estrada.

A noite, essa noite que trazia tudo, Elrik olhava para a lua cheia lançando para a terra uma luz prateada a paisagem, a cidade já começava ficar para a trás e o rio ao longe, agora apenas água congelada, lembrava-o da dualidade da vida: a luz e sombra, o calor e o frio, o cheio e o vazio.

Para dentro de si, Elrik caía e andava mergulhando em meditações, frio e o vazio. Se tudo era fulcre e alvo, até as insignificantes árvores do meio da cidade

estavam adornadas de luzes e sons, para ele tudo continuou no vazio que conseguiu ficar.

Ponderado nas ideias, no mundo e nas coisas, nas trocas de presentes que nunca teve e as celebrações, cuja explicação lhe era impossível entender mediante suas crenças. Assim se formava todos os “porquês e “serás” dentro de si. Talvez, sim, talvez tudo isso, todas essas luzes era apenas um preenchimento temporário para o vazio em todas as pessoas. Todas as crianças que corriam ébrias pela beatitude das luzes eram só seres vazios, todos cheiros de especiarias e doces que preenchiam o ar a quilómetros eram sombras passageiras numa caminhada ensolarada e escaldante que era viver. Uma pausa, antes do regresso do longo jogo.

Sim, era tudo efémero e repleto de vicissitudes, talvez, o natal fosse isso, um lembrete imperativo que estar vivo é um artifice destemido na busca de nosso destino. De como diante das adversidades, nós, humanos comuns, não perdemos a perspicácia que nos distingue, mas antes abraçamos ela como uma força propulsora para transcender os limites

impostos pelas circunstâncias. A resiliência, qual elixir da alma, guiará nossos passos pelo caminho tortuoso da existência, e na busca constante pelo aprimoramento, encontrar-se-á a essência da superação. Avencemos então, comuns seres de poeira estelar. Avancemos, pois, com a convicção de que cada desafio, nessa noite mágica, é uma oportunidade velada, e que a tenacidade de nossos espíritos nos conduzirá à realização plena de nossos anseios mais nobres.

PORQUÊ EU ODEIO O NATAL?

Sara Van-Dunem

QUE TOQUEM AS CORNETAS, e os cornos e todas as coisas que pareçam humanas.

É natal! Mais uma vez. O que isso significa? Tempo de comprar peru extremamente caro no Continente! Da sonolenta missa do galo de Setúbal, e das passas no meio do arroz.

É tanta uva passa que durante uma semana não consigo distinguir o cocó dos cães com os das crianças. Talvez eu seja tão revoltada com o natal, mas porque não sei fazer bolos nem montar uma simples arvores, não sou boa confeitadeira e sou péssima decoradora, sei que meus filhos me odeiam por isso, e em volta eu odeio o natal para igualar o

jogo. E coitada de mim, gastando doze euros, em bolos industrializados e cheios de conservantes que os supermercados juram de pés juro que aquelas massas esponjosas que eles vendem não têm! Ora, eu tenho as minhas dúvidas! Sou angolana, aprendi a desconfiar de tudo bem antes de aprender a falar mamã!

Mas continuando com o nosso relato sobre o meu ódio pelo natal. Sinceramente, eu acho que devíamos falar do roubo em formato de peixe, a que chamamos bacalhau no natal, nunca entendi essa obsessão portuguesa por batatas cozidas e peixe que vem da Noruega, regados com azeite e maionese excessiva por cima, só para equilibrar o desequilíbrio desequilibrado do colesterol que comida tem. Ora, eu já sou uma pessoa obesa em formação que nega incansavelmente seu destino se cansando três vezes por semana na academia depois do trabalho.

E como o texto já nos trouxe as conversas sobre peso, precisamos falar sobre a inimizade entre o natal e a balança, porque não é normal que em dois em consiga ganhar todo o peso que perdi na ilógica esteira de academia, nas minhas tristes corridas sem destino ouvindo Bárbara Bandeira (não pretendo

entrar em detalhes sobre o meu questionável gosto musical relativo a minha idade).

Quando era adolescente, na minha passagem pelos Estados Unidos, aprendi como a festa do capitalismo, quer dizer, natal... é uma boa maneira do sistema recuperar mais rápido os míseros trocos que nos paga em dobro no final do ano.

Por agora me despeço e vou servir mais pudim, que eu juro que fiz com o dinheiro do sistema, eu juro que para o ano não mudo e de certeza, caso um carro não me atropela no caminho do trabalho, que voltarei aqui para comer mais pudim, beber uma quantidade insalubre de refrigerante com a televisão ligada em algum especial muito lindo de natal e reclamar sobre ele, porque é isso que movimenta pessoas como eu.

Jornal de Setúbal, aos 24 de Dezembro de 2023'

MARLEY E O NATAL

Hernâni Boavida

NESSE CONTO MARLEY ESTÁ VIVO. Quero ver o Dickens me processar agora. E o Marley é um gato, Grogan, pode chorar com o Dickens. E Bob... Está bem! Já vou parar de fazer associação com o nome Marley.

Recobremos a sensatez, se alguma vez tivemos. Como disse Marley está vivo, porém há dúvidas relativamente a isso, nem o mais poderoso dos gatos tinha estômago que justificasse o desaparecimento de todo o peru de natal. Se bem que Marley, o gato gordão, preguiçoso, glutão, e todos os adjectivos com “g” que pudermos lembrar.

O natal estava arruinado! Onde já se viu por toda Amsterdão, um natal sem Peru. Como os caucasianos valorizam o pobre do animal só nessa época do ano.

Marley, que tinha chegado do nada naquela casa!

Certo dia Jaal Beek, abriu a janela e um gato pulou para dentro de sua casa e deitou seu corpo gordo no seu sofá como se já fosse de costume ele fazer isso. Ela o alimentou, pois, pensou estar faminto. Quando as crianças chegaram da escola encontrar o grande gato frajola encostado em um dos cantos da casa fizeram-lhe festas e pediram para ficar com eles. Jaal Beek, até tentou mostrar resistência, mas o máximo que conseguiu foi um acordo que eles iriam devolvê-lo caso os donos estivessem a procura dele.

Estranhamente, passaram-se os meses e ninguém a procura de Marley que agora já se chamava Marley, com coleira personalizada, prato e tudo.

Dormia, dormia e dormia. Que cansada era a pobre vida do gato que se baseava em comer sache e dormir o máximo de tempo de silêncio que a casa lhe oferecia.

Certo dia, quando os dias começavam a ficar mais frios e mais curtos, Jaal Beek desceu do porão com

uma caixa de cartão. Curioso Marley, quis ver o que tinha dentro dela que mal abriram a caixa ele jogou a cabeça lá dentro, para descobrir um monte de fitas e bolas coloridas e muito pó. Jaal Beek trouxe a segunda caixa e tinha e tirou de lá partes de uma coisa que depois de um tempo se transformou numa árvore com luzes incandescentes, e as bolinhas de cores distintas a volta dela. Marley, talvez pensou que fosse um brinquedo novo cheio de cores, pois, foi só Jaal Beek dar a volta para ele se jogar contra a árvore e cair com ela.

Cada minuto Marley, aprontava uma diferente, ora eram as meias de natal na qual ficava puxando até cair outras vezes eram as caixas de presentes embaixo da árvore que dia sim e dia sim, Jaal Beek tinha que mudar o forro porque Marley tinha curiosidade e unhas afiadas.

Mas o caos se deu na noite de natal, quando a família saiu para a Missa do Galo e na pressa Jaal Beek esqueceu o frango aberto no balcão da cozinha e Marley solto pela casa.

Ficou tão cheio o coitado que certamente nem notou direito que quando o Sr. Beek voltou faminto jogou ele para fora de casa.

Marley não estava morto. Mas Marley já não tinha uma casa, em plena noite de Natal.

Marley tentou arranhar a porta e miar para voltar para a dentro de casa, mas o Sr. Beek saiu irritado e se ele não usasse o pouco dos reflexos que tinha atrás daquela pança cheia de peru, o pontapé lhe acertasse mesmo de jeito.

Saiu andando pelo bairro de vedação em vedação, olhando para dentro de cada janela, cada família ceiando e abrindo presentes. A noite estava fria, o pequeno sino preso na sua coleira as vezes cintilava.

Marley esgueirou-se para dentro de uma laje qualquer, esticou seu corpo para dormir.

Na manhã de natal acordou assustado com um homem que batia com pau na laje para que ele saísse, ainda deu tempo dele se espreguiçar e sair calmamente da laje.

Estava faminto certamente o peru já não estava no lugar que tinha que estar. Talvez nessa altura ele lembrou-se que não tinha aonde ir, e se não tinha aonde ir, talvez tivesse aonde voltar.

Marley voltou na manhã de natal enquanto as crianças brincavam tristes no quintal e Jaal Beek lavava uma pilha de louça da noite anterior.

Quão grande foi a alegria dos meninos ao verem seu gato manhoso voltando para a casa. Jaal Beek sairia mesmo correndo de casa, quando ouviu o grito de alegria das crianças pela volta de seu gato, Marley, que até aqui continuou vivo.

**TRANSCRITO SOBRE LUZ...
ESCURIDÃO E O NATAL**

Luana Mendes

DEPOIS DOS UMBRAIS QUE RESGUARDAVAM AS PORTAS DE RICHARED - estava Dubile - este tinha surgido bem antes de tudo, antes das luzes e antes da cidade. Antes da noite que os citadinos andavam felizes indo voltando da igreja.

Atrás desses umbrais escondido naquele espaço aonde a noite se manifestava em tons de neblina gélida. Dubile do cimo da janela, envolto na sua solitude e melancolia observava as luzes da cidade, Richared era o único de escuridão em toda a cidade, as pessoas passavam apressadas a frente dela, ora que ninguém precisasse que a maldição da casa assombrada, como era chamada entre os mais novos se incrementasse em suas peles.

Um eco seco da porta se abrindo, pela primeira vez em anos soou distante nos ouvidos de Dubile. Céptico, descera as escadas, agora antigas e rangendo a cada passo, depois de um tempo até a tua companhia te assusta e os passos de Dubile pareciam passos de outra coisa atrás de si... a janela velha e quebradiça perto do último degrau que estava perto da porta da enorme biblioteca naquela noite emergiu um brilho, um espectro de Dubile talvez que desapareceu mais rápido que surgiu.

Chegou no hall de entrada e nada avistou, até que repentinamente, o escuro conseguiu ficar mais escuro, noite mais densa que a noite um escuro mais breu que a maldição que caiu sob o Egito, para Dubile, Richard perdera forma e era só uma tortuosa cegueira.

Depois veio a luz!

Alva, forte, embranquecida reluzente que cegou o escuro em excesso de luz nos olhos de Dubile... então tudo voltou a ser Richard...

Mas o hall estava decorado, e até Dubile entender tocava no velho piano uma canção natalina desafinada... passos, os passos ganhavam ritmo numa valsa sequenciada que seguia a melodia

desajustada, os passos eram sombras, sombras que valsavam... e se forma dá forma, depois eram só sombras pálidas sussurrando.

E olhos de Dubile alternavam entre o escuro sem forma, o claro cegante e Richared de sombras valsando...

SINFONIA NATALINA: LUZ E AMOR ENTRELAÇADOS

Rev. Hugo Juliano Marques (Diácono Eclesiástico)

Nas noites quentes de Dezembro, a luz,
Resplandece em cânticos de alegria,
O natal, divinal melodia,
Envolve-nos num manto que seduz

Os astros, cintilantes lá no alto,
Testemunham a paz que se instala
Enquanto a estrela guia, que não falha
Nos conduz ao presépio, doce encanto

Sinos entoam hinos no ar sereno
Anunciando a chegada do Menino,
Que em berço de humildade se destaca.

No coração, o amor é o terreno
Onde a esperança floresce, divino
É o Natal, eterna luz, resplandece em cada traça.

FELIZ NATAL, SERES DE POEIRA!